



76-14-5

Handwritten signature or scribble in blue ink, possibly reading "H. H. H." or similar, with a small brown stain below it.

H-E
5
22

ESCOLA
MORAL, POLITICA,
CHRISTÃA, E JURIDICA.

TERCEIRA EDIÇÃO NOVA, E CURIOSAMENTE CORRECTA,
DIVIDIDA EM QUATRO

PALESTRAS,
NAS QUAS

LEM DE PRIMA AS QUATRO VIRTUDES CARDEAES. NA PRIMEIRA, A
Prudencia na Cadeira do Entendimento. Na segunda, a *Justiça* na Cadeira da
Vontade. Na terceira, a *Fortaleza* na Cadeira do Irascivel. Na quarta, a *Tem-
perança* na Cadeira do Concupiscivel; dando Leys a todas as Virtudes, que
dellas procedem, e confutando todos os vicios, que se lhe oppoem, e diri-
gindo todos os actos das quatro faculdades d'alma, capazes de virtudes,
e vicios, Entendimento, Vontade, Irascivel, e Concupiscivel, às re-
gras da razão; sahindo a Prudencia na primeira Palestra, com hum Mi-
nistro prudente; a Justiça na segunda, com hum Ministro justiceiro;
a Fortaleza na terceira, com hum Ministro forte; a Temperança na
quarta, com hum Ministro temperado.

MATERIA UTIL, E NECESSARIA PARA TODO O
Estado, e profissoens Ecclesiasticas, e Seculares.

COMPOSTA PELO DOUTOR

DIOGO GUERREIRO
CAMACHO DE ABOYM.

Familiar do Santo Officio, e Desembargador do Porto.



LISBOA:

Na Officina de BERNARDO ANTONIO DE OLIVEIRA.
E à sua custa impresso.

Anno Domini M. DCC. LIX.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.



dm

A O L E I T O R

B E N E V O L O .

Propriedade he da natureza humana o não agradar, nem descontentar a todos; maxima, que se vio acreditada no mesmo Author da natureza, que feito homem, foraõ menos os que o receberaõ, e mais os que o não conheceraõ. Propriedade he tambem da propria natureza o errar mais, do que o acertar; maxima, que só vimos limitada em Deos feito homem, que por ser a mesma Sabedoria infinita, não podia errar em nada; e assim não pertendo, amigo Leitor, agradar a todos: *Nihil ubique placet. Ex Quintiliano*, porque não intento mudar a natureza, nem tambem presumo acertar em tudo, porque aspirara a ser mais que homem; mas só procuro, que não perca a minha penna, por seus descui los, tanto credito com os Leitores sabios, quanto deve grangear o zelo da minha intenção com os piedosos; e assim quando não te agrada pelo estylo, espero, que ao menos me perdoes por bem intencionado:

*Accipe parva mei, Lector, munuscula sensus,
Non quæ sunt, sed qua suscipe mente data.*

Nenhum engenho causou agrado sem algum defeito, que tivesse necessidade de perdaõ; aos fugeitos de melhor nome achou que dissimular o seu seculo: muitos podera nomear; que não receberaõ nota de seus erros, e alguns, que conseguiraõ honra; pois o que era digno de censura, negociou applauso, como escreveo Seneca na Carta 115.: *Nullum sine venia placuit ingenium: da mihi quemcumque vis magni nominis virum, dicam quod illi ætas sua ignoverit, quod in illo dissimulavit; multos dabo, quibus vitia non nocuerunt, quosdam, quibus profuerunt.* E se nos mais sabios achou que perdoar a generosidade dos Leitores piedosos, e que soffrer a idade dos que os alcançaraõ, muito sey amigo Leitor, que tens que me perdoar, e muito que me soffrer; mas perdoando, e soffrendo, alcançará tu a virtude da clemencia, e da paciencia, e eu, quando não possa ficar emendado, ficarey agradecido, e obrigado até dar brevemente ao prelo sete tomos, parte do trabalho de dez annos de estudo, que appliquey a trazer à luz a obrigação dos Juizes dos Orfaõs, bem conhecida de todos, e atégora não tratada de nenhum, e por isso de nenhum cabalmente sabida, e sobre outras materias, de que já tens quatro tomos impressos.

Bem sey, que o estylo, he tosco, a frase grosseira, porque se me deu a Divina Providencia o dom de conceber bem, negoume o de explicar-me com acerto, e elegancia, o que não he novo, pois já Cicero no liv. 1. das suas *Tusculanas quest.* 46. conheceo em alguns igualmente aquelle bem, e este mal: *Fieri autem potest, ut recte quis sentiat, & id, quod sentit, politè eloqui non possit*; mas nem por me achar sem flores, e sem folhas, me pareceo privarte do fruto do meu trabalho. Huns, diz Santo Agostinho, que fallaõ precisamente flores, outros
folhas,

folhas, outros frutos : *Alii meros flores loquuntur , alii folia , alii fructus* ; e sup-
posto que nenhuma destas tres cousas de per si constituaõ perfeita huma Obra,
como nem huma arvore , mas todas devem concorrer , as flores como formo-
sa esperança , as folhas como natural defença , os frutos como riqueza ; com
tudo assim como he melhor , que faltem flores , e folhas nas arvores , que fru-
tos , assim será menos mal , que se ache menos nas obras as flores da Rhetori-
ca , as folhas da eloquencia , que os frutos das virtudes ; pois as flores , e fo-
lhas se ordenaõ ao bom logro dos fructos ; nem merece de flores , nem de folhas
os adornos , quem naõ serve à utilidade ; esta creyo eu acharaõ nesta obra to-
dos os estados de pessoas , que amarem as virtudes :

Clericus es , legito hæc ; laicus es , legito ista libenter ;

Crede mihi , invenies hic quod uterque voles.

Quanto mais , que procurey , quanto me foy possível , tratar em cada materia
de cada huma destas seffoens as sentenças dos Sabios , que a geral aceitaçaõ
tem graduado por Mestres , os versos dos Poetas , que por melhores recebeo o
commum applauso nas azas da fama , os exemplos dos Historiadores , a quem o
universal consentimento jubiloou por Mestres da arte , em que acharás naõ me-
nos o util , que o deleitoso , para que se te naõ obrigar a lellos a utilidade , te
mova o deleitoso :

Dulcia , Lector , amas ; sunt hæc dulcissima quoque ;

Utile si quæris , nil legis utilius.

Por conclusaõ , Leitor benevolo , te venho a pedir naõ louvores , porque era
pedir muito em tempo de tanta carestia de louvores , que tem por grande par-
tido , o que sem ser louvado , naõ passa a reprehendido ; mas só o que te peço ,
he perdaõ para o que me achares digno de censura , e silencio para o que me
achares merezedor de louvor ; e affaz me darey por louvado , se te naõ for en-
fadonho ; e por ultimo te digo com Ovidio :

Ut veniam pro laude peto , laudatus abundè ,

Non fastiditus si tibi lector ero.

NOTICIA DA OBRA QUE O AUTHOR COMPOZ.

IN PRIMO TOMO Tractatus de Inventariis.

IN SECUNDO de Divisionibus , em 2 volumes.

IN TERTIO de Datione , & obligatione Tutorum , & Curatorum , em 2 vol.

IN QUARTO de Omni genere Rationum , de omnibus personis , quæ ratio-
nem reddere debent , em 2 vol.

IN QUINTO denique de Omni processu Civili , & Criminali.

IN SEXTO Tractatus de Recusationibus.

IN SEPTIMO Opusculum de Privilegiis Familiarium Sancti Officii.

IN OCTAVO Escola Moral , Politica , Christãa , e Juridica.

IN NONO Decisiones , & Quæstiones Forenses.

IN DECIMO Index Generalis omnium materiarum in totis operis volumini-
bus contentarum , noviter , magnoque labore elucidatus.

A O L E I T O R

M A L E V O L O.

REgra he muy ordinaria, experimentarem os que escrevem em huns o louvor, em outros o vituperio, em huns agrados, em outros de affeição: o mesmo he fahir a Obra a publico, que passar de author a reo o Author della, obrigado a defender-se em tantos juizos, quantos são os impios Leitores, e expostos a fahir, por não ser ouvido, rigorolamente condemnado, como bem conheceo o Marcial Inglez:

*Qui scribit, laudatur ab his, culpatur ab his,
Lectoris vultu statque, caditque sui
Semper agit causam, nec tempore transigit ullo;
Semper enim sub te iudice Lector erit.*

No Prologo passado falley com os Leitores pios, neste me reservey para fallar com os impios, e inimigos, e porque dos máos, e ignorantes foy sempre mayor o numero, por sentença da mesma Sabedoria: *Stultorum infinitus est numerus*, tenho por certo, que seraõ mais os que me vitupérem, do que os que me louvem; e tambem sey, que os que por natureza são máos, são difficultos, a que a força da razaõ, ou da arte os faça bons: *Difficile lentur ferox animus. Ex Sallustio*; por isso não seguirey neste Prologo o estylo mais commum dos Escritores, occupados sempre nelles em os reduzir à razaõ, ou mover à piedade, mas em todo elle me empregarey em reprehendellos, e injuriallos, para que ou se callem de envergonhados, ou fayaõ a publico com Obras suas, que me obriguem ao silencio de vencido, porque sem isto não hei de deixar de fallar nem elles teraõ dentes para morder; pois ao primeiro affomo da voz, e ao primeiro rugido dos dentes lhe direy o que disse o Inglez Marcial ao Critico Lelio, que ou deixem de me morder, ou mostrem no que escrevem, que são Mestres, e como taes, legitimos censores, ou censuradores de direito.

*Cum tua non edas, carpis mea carmina, Leli,
Carpere vel nolle nostra, vel ede tua.*

Verdadeiramente que he lastima, que tenha lingua para morder, e murmurar alheyos desvelos, quem não tem juizo para discursar, nem mãos para escrever, e que os que vivem sepultados na ociosidade, refuseitem do ocioso, e culpavel delcanço para a lingua, ficando sempre amortecidos para a obra; mas se isto se póde chamar lastima, não se póde com tudo qualificar novidade; porque taõ antigo he, como a mesma creação do Univerlo, saberem obrar menos os que aprenderaõ a fallar mais.

Em muitas cousas confesso tem que reparar os Criticos zoilos nesta mi-

nha Obra : referirey as mais principais , não com animo de me defender ; pois sey , que he empenho impossivel nenhuma defeza no juizo dos mal intencionados, por natureza criticos, e por officio murmuradores; mas com intento de que fiquem tanto mais murmuradores , quanto mais por ignorantes reputados.

Em primeiro lugar me dirão , que a Obra não tem mais de minha , que o sabir a luz com o meu nome, porque toda ella foy a emprego do desvelo de outras mais bem aparadas pennas, e que devo restituir o seu a seu dono, e ficar-me com a infamia de haver roubado para mim o louvor merecido do fuor alheyo : confesso os furtos , e não nego , que o primeiro louvor he dos inventores das differentes maximas , e sentenças em que a fundey ; mas tambem me devem confessar , que se o primeiro louvor he dos inventores, o segundo he meu pelo uso , disposiçãõ , e arte com que a compuz , senão he que negaõ a Seneca , que na *Epistola 65.* diz , que ainda que as maximas , e sentenças se achem envelhecidas nos archivos da antiguidade , sempre he louvavel , que se tirem das gavetas destes archivos para a praça do Universo : *Etiam si omnia à veteribus inventa sunt , hoc semper erit novum , usus , & inventorum ab aliis scientia , & dispositio.* A Lyplio , que se gloriava , que ao passo que a sua Obra não tinha cousa sua , era cousa sua : *Omnia nostra , & nihil ;* Tertuliano , que se jaçtou , que fazia huma cousa nova de huma velha : *Novam aggredimur ex veteri ;* e a *Origines* na *Homilia sobre Jeremias cap. 12.* , que confessa , que antes delle tinhaõ sobre a mesma materia remontado seus voos Aguias mais generosas , que seguia sem mais novidade , que a da ordem : *Hoc autem me alii exposuerunt ; & quia non improbo interpretationem eorum consentiens eandem profero , non quasi ipse reperiam , sed reperta jam repetens , ut mihi paretur , vobisque conducatur , si tamen quæ dicenda sunt , intentus animus excipit.* Nunca são sobejas as lembranças donde falta a emenda , como disse Seneca : *Nunquam nimis discitur , quod nunquam satis discitur ;* não se deve largar o enfermo , que nunca acaba de convalecer ; donde se colhe , que posto que sejaõ muitos os livros , que sobre esta materia se tenhaõ escripto , todos são importantes para mover , e despertar tamanhos descuidos :

*Humanum curasse genus , quis terminus unquam
Præscripsit : nullos recepit sapientia metus.*

A artificiosa abelha , fazendo correição pelos campos de Flora , rouba às flores do prado o doce liquor , com que engenhosamente fórma o doce favo , que sendo lisonja dos olhos , he regalo do gosto , e triaga do defabrído do fel , ou do salgado manjar ; assim o curioso , e estudioso , dando vista aos livros , fabricados na officina da douta Pallas , furta à Rethorica as flores , à Eloquencia as folhas , à Logica os frutos , com que sabiamente compoem o livro , que sendo divertimento do tempo , emprego do cuidado , desvelo do entendimento , regra da vontade , freyo do irascível , e concupiscível , he delicia da razaõ , e fruto das virtudes , como descreve *Seneca Epistola 85.* *Quidquid lectione collectum est , stylus dirigat in corpus , nosque apes debemus imitari , & in unum saporem varia libamenta confundere , ut etiam si appareat unde sumptum sit , aliud tamen esse , quàm unde sumptum est , appareat ;* parecendo diverso , pois dirigio o estylo quanto augmentou o estudo , e formou o desvelo , hum manjar saboroso dos varios documentos , que recopilou a liçaõ de differentes Authores , e isto com tal arte , que ainda que descubra o saber alguma cousa do furto , o faz a uniaõ parecer diverso : isto , que disse Cicero , transformou Ovidio em hum Epigramma :

Instar

ção com tanta virtude, que nem a ignorancia, nem a malicia lhe podem divertir o animo do racional, como diz Demócrito, referido por *Estobéo Serm. 3.* Vive em a justiça, que o não deixa obrar contra a ley civil; em a fortaleza, que o não deixa emprender temerariamente os riscos vergonhosos, nem fugir vilmente os riscos honrados; em a temperança, que o não deixa enfraquecer em o ocio, nem afeminar-se em as riquezas; e dando a Prudencia leys a todas as virtudes, como dizia Periandro, se coroa dellas facilmente Princeza, segundo *Estobéo no Serm. da Prudencia.* O Prudente se exercita em cousas uteis, mas não julga ser util o que não he justo, e honroso; nem lhe basta, que o fim seja justo, honesto, e util, se não se pode conseguir se não por meyo inhonestos, e injustos.

O Prudente péza com madurezza todos os meyo, e de muitos elege o melhor, consideradas as circumstancias; porque o bem, e o mal consiste mais em as circumstancias, que em as substancias das cousas, como escreve *Archistas no liv. do homem bom, e felice:* tem o aspecto, voz, e gesto grave; porque quando está o animo composto, o externo corresponde: falla, move-se, e obra lentamente porque nada obra por impeto da paixão: considera muito, delibera tarde, e executa prestes; porque estes são os eixos da Prudencia Monastica, segundo Salustio, tratando da conjuração de Catilina; e conselho do fabio Bias, segundo Laercio; conhecendo, que nenkum tempo he tão proprio para executar, como em quanto serve o animo, e por isso resolve sem impeto; mas applica-se com elle à execução, acerto, que louva *Filippe de Comines libro. 8.* nenhuma cousa julga tão facil, que não possa ter difficuldades; nem tão difficil, que não possa vencer a confiança, que esta na opiniaõ de Se-

neca libro. 4. de Virtute, he hum dos principais actos da Prudencia. Não deve ser tão pertinaz, que antes de obrar, se ouve melhor parecer, foga o seu; porque os homens prudentes devem buscar os mais prudentes, e usar de seus conselhos; assim como os enfermos guardaõ à risca os preceitos dos Medicos, os navegantes os do Piloto, os caminhantes os dos mais experimentados no caminho, como escreve *Poggio libro. 4. de Vita Ciceronis;* e daqui vem, que ou succeda bem, ou mal, não se arrepende; porque sabe, que não ha faltado pela sua parte, havendo tido a intençaõ recta, e havendo-a posto em execução; de forte que do exito feliz he a gloria sua, e do infeliz he a culpa da fortuna.

Não olha só aos fins, mais tambem aos principios, porque no sentir de Aristóteles, aquella he perfeita cousa, que tem principio, meyo, e fim: *Totum, & completum est, quod habet principium, medium, & finem;* e sendo certo o que diz o mesmo Philosopho, que aquella cousa se ha de julgar por melhor, que a melhor fim se dirige: *Cujus finis est melior, ipsum quoque est melius,* necessario he, que o Prudente olhe ao principio, ao meyo, e ao fim; ao principio, para conhecer a bondadade do que d'elle procede; ao fim, para regular o util a que se dirige; ao meyo, para ver o honesto com que se execução, porque este he o verdadeiro lance da Prudencia, contemplar o util, o honesto, e o bem, que se identifica com o fim, com os meyo, e com os principios, pois só he acção perfeita, e parto da Prudencia, a que tem bons principios, meyo honestos, e fins uteis.

Sabe o Prudente regeitar os temerarios conselhos, medir o tempo, o lugar, as forças, e as occasioens, e dellas tira fruto, como refere *Graciano lib. 3. Historiarum;* nenhuma cousa ha presente, que não observe;

ne-

nenhuma passada, que não lêa, e pelas passadas, e presentes prevê as futuras com tanta certeza, que parece que adivinha. Hypócrates por hum vento, que soprava, conheceu, que por aquella parte havia de vir o contagio, e assim foi. O Prudente de certos indícios, não observados dos outros, prognostica os futuros acontecimentos; e por isso de nada se perturba, porque nada o colhe de repente; antes prevendo o futuro, se arma de presente; e assim como as lanças que se antevem, ferem menos; assim os males que se esperão, menos se sentem, como diz Tulio: *Permeditatio futurorum malorum lenit corū adventum*; e não ha caminho mais seguro para evitar os perigos, que tratar, e cuidar do remedio antes que cheguem; porque he melhor, como dizem os Juristas, acudir antes de tempo, que depois do golpe buscar o remedio. Muitas vezes vence negocios arduos huma disposiçã intempestiva, que ao depois não conseguira a diligência mais exacta, diz *Marcello lib. 16.*

He a prudencia hum conhecimento, pelo qual se vê o futuro antes de acontecer, segundo *Cicero Rhetor.* ou hum conhecimento, que trata o futuro evento, cujo officio consiste em antever pelo passado, e presente o futuro, e em fortificar contra a calamidade futura com conselho, como escreve *Santo Agostinho de spiritu, & anima*, o qual ensina *in lib. de singul. Cleric.* que aonde ha prudência, se frustraõ, e desbarataõ as cousas adversas, e que dominaõ, e ven-

Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando.

Na primeira circunstantia *Quem*, deve considerar quem he, para medir com a pessoa a acção, e poder deliberar-se se se ajusta com a sua pessoa, e logo quem he a pessoa por quem, ou contra quem se entende obrar; porq̃ huma, e outra differençaõ a acção,

cem aonde falta. Sentença he de S. Pedro Chrysologo, que tanto maiores forem os males que se temem, quanto mayor deve ser a cautela, e o conselho, que *Aristoteles no liv. do governo do Principe* chama olhos do futuro. Com cautela, e com conselho vencerá tudo o Prudente, que antever o futuro, como escreve Seneca; porque tudo aquillo, que diligentemente se prevê se vence, e se determina, quando se chega a pôr mãos à obra. He providencia muy necessaria ao governo Político, e Económico; porque sem ella padecerá o publico grandes necessidades, e o particular, a quem he conveniente prover a casa dos alimentos necessarios, no tempo que costumaõ valer mais baratos; porque tanto poupa no preço das cousas compradas em tempo, quanto acrescenta nas rendas, e tira os injustos ganhos com que o roubaõ os regatoens, e regateiras, vendeiros, estanqueiros, e outros ladroens semelhantes, que a titulo de uteis, e necessarios, consentem as Respublicas, sendo os que mais as empobrecem; mas he justo castigo, que levem ladroens, o que não sabem poupar imprudentes mal governados.

Em todas as acçoens humanas deve o Prudente, antes que as execute, fazer muy miudo, e vagaroso exame daquellas sete circunstantias morais, de que ordinariamente se vestem, a saber: *Quem, Que, Donde, Com que, Porque, Como, e Quando*, que se contém no seguinte verso:

aggravando-a, ou diminuindo a.

Na segunda *Que*, deve considerar o effeito, que espera da acção; porque segundo *Wem*, não só se ha de olhar o principio de que procede, mas tambem o fim a que se termina:

Respice

*Respice principium potius, sed prospice finem.
Cælum prospiciens, despiciensque solum.*

E qual for o effeito, tal será a acção, porque os effeitos seguem a natureza das causas, e quais forem estas, tais se reputaráo aquelles: *Exitus acta probant, finis, non pugna coronat.*

Na terceira *Donde*, deve considerar o lugar donde se ha de fazer a acção, se he profano, ou sagrado, publico, ou secreto; porque o lugar muitas vezes faz de huma acção pequena, grande, e de huma grande, pequena, e de hum crime leve, gravissimo, e talvez de hum gravissimo, leve; e por isso disse *Horacio l. 1. Odar.* que cada huma das cousas tinha seu lugar, em que só se executava decentemente; e o sabio *Thales*, sendo perguntado, segundo escreve *Lactancio liv. 2. cap. 1.* que cousa fosse a mayor do mundo, respondeo, que a que se obrava em seu lugar.

Na quarta *Com que*, deve considerar os meynos, e instrumentos com que pertende obrar; porque se estes forem licitos, e honestos, será a acção boa, e honesta; se illicitos, e indecorosos, será má, ainda que della resulte bem, por quanto tão prohibido he usar de meynos máos para fim bom, como de bons para fim máo.

Na quinta *Porque*, deve considerar a razão, o motivo, fim, e intenção, porque muitas vezes a razão, e o motivo varêao a especie do que

*Natura ingenuit rationem pròvida nobis,
Naturam rationis jubet ergo sequi.*

A razão nos distingue dos brutos, e nos faz semelhantes a Deos, assim quanto tivermos mais de razão, tanto menos teremos de brutos, e seremos mais

Regum regina ratio, naturæque mater.

Alma da ley, e da mesma authoridade lhe chamou *Plinio*, porque tanto

se deve fazer, porque he a razão hum affecto do entendimento, que separando o bem do mal, elege as virtudes, como ensina *Santo Agostinho de Spiritu, & anima*, ou hum movimento do animo, que distingue o bem do mal, segundo *Cicero* parte integral da Prudencia, conforme *Maccabrio*, tanto mais valente que a experiencia, quanto he mais forte a mão direita que a esquerda, e o pé direito que o esquerdo, e tanto mais superior à vida, quanto he mais inferior à vida a carne na criação do homem; e tão necessaria para se alcançar a felicidade temporal, e espirital, como o vento, e o piloto para se navegar, como refere *Maximo Serm. 38.* sem a qual não póde haver acção justa, nem louvavel; fundamento, porque aconselhava *Sócrates*, citado por *Estobéo no Serm. da Prudencia*, que assim como na navegação se consulta o piloto, assim no mar deste mundo se devem consultar os que forem de mais razão. Infundio a natureza aos homens o claro farol do entendimento, como refere *Wem*, para encaminhar as acções da vontade, potencia cega; e certo que errada, e cegamente obrará quem não levar diante as luzes deste farol; figamos pois as luzes da razão, se queremos obrar rectamente, e com certeza;

semelhantes a Deos; porque he a razão a cousa mais Divina, que ha entre as cousas do mundo, como disse *Cicer. l. 1. de legib.* e o refere *Wem*:

deve valer a ley, e authoridade, quanto for a razão em que se fundar,

como escreve *Cicero pro Plancio*: todas as cousas, que não tem fundamento nella, perecem; e pelo contrario as q' o tem se perpetuão, segundo *Curcio lib. 4. de Gestis Alexand.* e sendo cativo o servir, he liberdade obedecer à razão, como escreve *Plutarcho*. Vivamos, e obremos todos de maneira, que possamos dar boa razão de todas as nossas acçoens, e logo serão todas mais virtuosas, conforme *Firminiano lib. 6. cap. 4.* Guia do entendimento lhe chama *Solorsano no 2. tom. do Direito das Indias lib. 2. c. 7. e Senec. Epist. 66.* diz, que não he outra cousa mais, que huma parte de

Divino espirito, infundida no corpo humano: *Quicumque rem recta ratione incéperit, bonum illius certò sperabit exitum.*

Na sexta *Como*, confidere o modo que tem em obrar, porque assim como toda a virtude confiste no modo, que he a certa medida dessa, como diz o mesmo *Senec. na Epistol. 66. Modus est optimus omnium*; assim toda a operaçãõ humana confiste no modo, do qual recebe a medida da estimaçãõ: o modo nas cousas he muy necessario; porque sem elle nada se obra bem, por sentença de *Senec. lib. 1. de Benefic. cap. 7.*

*Est modus in rebus, sunt certi denique fines,
Quos ultra, citraque nescit consistere rectum.*

Na setima, e ultima *Quando*, confidere o tempo se he prohibido, ou permittido, porque a oportunidade do tempo he o meyo mais efficaç para se obrar com acerto, e por isso muy recomendado nas Divinas letras no *Cap. 31. do Eccles.* todo o negocio tem seu tempo, o qual não

convem perder, porque he na sentença de *Varro* a mais grave perda, que póde acontecer ao *Prudente*; o que tambem disse *Demócrito*, como conta *Plutarcho*, e *Theoplastro*, como refere *Laercio lib. 5.* o que expressamente disse *João de Wem*, nos seus *Epigrammas*:

*Cuncta trahit secum, vertitque volubile tempus,
Nec patitur certâ currere quaque viâ.
Omnia tempus alit, tempus rapit, usus in arcto est;
Nullaque res maius tempore robur habet.*

Nem se recupera de nenhum modo o tempo que passa, razão porque vendo *Plinio* a hum seu neto passeando, o reprehendo desabrido, accusando-o de que perdia aquellas horas, que podia aproveitar; e *Senec. Epist. 55.* diz que assim como no rio huma onda desfaz outra, sem refazer a defeita, assim hum dia outro, sem reparar o passado. Não sabe obrar quem não sabe servir ao tempo, nem ceder à fortuna por algum tempo; porque todas as acçoens humanas se hão de medir com o tempo, que he melhor conselheiro de todos, como disse *Plutarch. in Pericle*; e confor-

me os tempos se deve obrar, por quanto assim como a natureza não he a mesma em todos os lugares, nem das ondas, nem do mar, nem das arvores, nem das cousas animadas; assim não convem ao homem ser o mesmo em todo o tempo, e lugar; mas he necessario variar com o lugar, e com o tempo, que costuma innovar tudo, e introduzir novas vicissitudes em as cousas, como escreveo *Nicetas*. As arvores humas florecem nos montes, outras nos valles; humas em lugares secos, outras em aquosos, e regados; assim nem todo o genero de vida convem a todo o homem,

mem, mas he necessario accommo-
dallo a todo o tempo, e lugar, se-
gundo os costumes delle. Do rio que
corre, se tem quanto se tira; do tem-
po que voa, se recebe tanto, quanto
se emprega em obras que duraõ.

Na mesma *Quando*, considere a
oportunidade do tempo, que acon-
tece acaço, que S. Joaõ Chryfosto-
mo compara aos corpos, e às fistulas;
porque assim como não aproveita o
medicamento, sem primeiro alimpar
o humor, assim nada nos aproveitará,
sem primeiro tirarmos a occasião, e
Proclio ao circuito de todo o mundo;
porque assim como os circuitos de
todo o mundo são causa da esterili-
dade, ou fecundidade dos animais,
ou das plantas, assim tambem a cada
humas das acçoens convém sua occa-
sião, e tempo em que se obre, e
aperfeioe; porque assim como foi
destinado pela natureza lugar a cada
hum corpo; assim as partes do tempo
convem humas a humas acçoens, e

outras a outras. Compara Plinio a
oportunidade do tempo à Amoreira
porque assim como esta florece ulti-
ma, e frutifica primeiro; assim aquel-
les, que usão do tempo, e occasião
accõmodada para a operaço de qual-
quer acção, aperfeioaõ mais cedo,
ainda que comecem mais tarde; e às
Abelhas, porque assim como estas
não trabalhaõ em dias destinados, mas
quando as convida a cõmodidade do
tempo, assim a occasião se ha de apro-
veitar em seu tempo, porque perdi-
do este, não se pôde recuperar sua per-
da, como refere Salustio: *Fortunam
ubi abire permiseris, frustra fugien-
tem implorabis.* Compara tambem o
mesmo Plinio a occasião aos pomos
Pérficos, porque assim como estes se
vendẽ mais caros, porque duraõ me-
nos, assim a occasião se ha de arreba-
tar mais apressa, porque võa mais li-
geira, como prudentemente aconfe-
lha Joaõ de Wem:

Cras, inquit, faciam, concessaque labitur hora:

Fac hodie, fugit hæc non reditura dies.

Lucano:

Tolle merces, semper nocuit differre paratâs:

Ovidio:

Sed propera, nec te venturus differ in horas;

Qui non est hodie, cras minus aptus erit.

He a occasião, e o tempo huma apres-
sada Aguia, que voando aos pés, se
toma com facilidade, porém remon-
tando-se à cabeça, e ao ar, se ri, e
zomba dos que a seguem; diz *Nicé-
phoro l. 10. cap. 22.* assim se não deve
desprezar a occasião, mas antes todas
as vezes, que a fortuna a offerecer,
se ha-de com diligente cuidado usar
della, porque a occasião, diz Publio
Maximo, no rosto tem cabellos, porq̃
na presença se pôde pegar, e no touti-
ço he calva, e não deixa na ausencia
em que se pegue. Os negocios se fazem
mais com a oportunidade do tempo,
e da occasião, que com as forças,

como escreve *Dionisio lib. 45.* e o diz
*El Rey D. Affonso o Sabio na ley 47.
tit. 5.* e muitas vezes se se emprederaõ
em tempo, e occasião intempestiva,
se fizeraõ difficultosos, e impossiveis;
e se conseguem, e alcançaõ, se tor-
naõ a emprender-se em tempo, e quã-
do chamã a occasião, como testemu-
nha *Guizario in Hipom. Politic.* por-
que são as occasioens, ainda peque-
nas, fautoras de cousas grãdes, segun-
do Demóstenes, o qual na *Oraço in
Aristog.* aconselha aos que gover-
naõ as Republicas, que não obede-
çaõ subitamente aos affectos, que im-
pellem, e persuadem a ira, mas que

obedeção à razão as mesmas cousas, e à oportunidade, e à occasião do tempo; porque aquellas cousas, que apressadamente se fazem, apressadamente costumão acabar; e aquellas, que com razão, tempo, e occasião vagarosamente se executão, perpetuamente costumão permanecer.

Em todas as acçoens humanas he necessario buscar tempo, e occasião para se obrarem. No córte da madeira, nas vendas, nas compras, na agricultura, e em todas as mais cousas, segundo Beroaldo; mas sobre todas nas guerras, em que a occasião he para huma, e outra parte momento, como escreve *Plutarcho in Corolian.* razão porque *Livio Década 3. lib. 3.* aconselha aos militares, que estejão sempre armados, para que aproveitem a que lhe offerecer a fortuna, e repulsem a que tiver o inimigo; porque sendo a occasião a que ajuda mais a vencer, que as armas, e o esforço, como escreve *Vegecio lib. 3.* he justo, que se não perca, e muito mais, porque he muy vingativa, e soberana, e poucas vezes se torna a offerecer a quem huma vez a chegou a desprezar, segundo *Livio lib. 5. Década 3.* he bom Capitaõ, diz *Vegécio*, o que não peléja se não na occasião, e necessidade; porque na guerra val tudo a occasião, a qual o prudente Capitaõ deve aproveitar com summo estudo, e presteza, porque he natureza da occasião converter em facilidade o difficultoso, em cujo seguimento deve guardar duas cousas; primeira, fazer cedo o que he necessario haver feito, porque nada ha mais breve, e fugitivo que a occasião; segunda, que cada huma das cousas guarde sua ordem, porque na guerra nada he mayor, nem mais poderoso, que a ordem: tudo he de *Pontano lib. 1. Histor.* Conta *Plutarcho*, que depois que os Romanos padeceraõ aquella celebre derrota de Canas, crearaõ por Capitaens contra Anibal a

Fabio, e a Marcello; este muy desejo de vir as mãos com Anibal, e aquelle muy solícito em buscar tempo, e occasião de o fazer; de que tendo noticia Anibal, confessou que mais temia a Fabio vagaroso, que a Marcello apressado. O mesmo *Plutarcho* refere, que exhortando os Cabos do exercito a Domiciano, que acometesse logo ao exercito contrario, respondeo, que faltava tempo, para que mortos os inimigos, e destruidos, podessem trazer aos arrayais os feridos para curallos, mas que isso faria da hi a dous dias com tempo; e com effeito, chegado o tempo, e occasião, disbaratou a cincoenta mil. Não duvidava este valoroso Capitaõ da victoria, mas buscava tempo, e occasião igual a ella. Escreve *Valerio Maximo lib. 7. cap. 2.* que dizia *Scipião Africano*, que com os inimigos se não havia peléjar, se a occasião não convidasse, ou a necessidade não apertasse; e do mesmo, diz *Plutarcho*, que vendo os inimigos, dizia, que elle para vir seguro, comprara os vagares do tempo, accrescentando, que o bom Capitaõ, como medico, não havia usar de ferro, se não em extrema necessidade, e dada occasião, acometeo aos Numantinos, e os Poz em fugida. De Mario se lê em *Plutarcho*, que nas guerras civis entrincheirando-se cercado de inimigos, se dilatava, esperando tempo opportuno, e dizendo *Popédio a Mario: Se es grande Capitaõ, sabe ao conflito:* respondeo: *Se es grande Soldado, admira-me, e venera-me, por não querer sem tempo, e occasião subir ao certamen;* e de *Antigono* se lê tambem em *Plutarcho*, que tendo alojado o seu exercito em lugares imminentes, e mandando-o desafiar *Pirrho*, para que descendo ao campo, experimentasse seus effeitos, respondeo, que a sua melhoria constava de armas, de tempo, e occasião, e que se tinha tédio à sua vida, que muitos caminhos

minhos havia para acabar. He a occasião verdadeira alma de todas as acçoens humanas, como lhe chamou

Pochim no liv. 5. das Histor. Oh quanto, occasião, aproveitas aos que de ti sabem usar, disse Horacio

*Tu, quamcumque Deus tibi fortunaverit horam,
Grata summe manus; nec dulcia differ in undam.*

Ponhamos dous exemplos, hum de huma acção, a mais gloriosa, que anda nos annais da fama, outro de huma, a mais vil, que se lê em todas as Historias do mundo. Vamos ao primeiro. Morto ElRey D. Henrique, se introduzio neste Reyno mais à força de discordias, que nelle havia, e de mercês, com que liberalmente o comprou, do que de armas, ElRey D. Philippe II. usurpaudo-o tyrannamente à Senhora Dona Catherina, Duqueza de Borgança, em que continuaraõ os dous Filippes Filho, e Neto com tanta tyrania, e exorbitancia no governo, que não só o empobreceraõ, carregando-o de extraordinarios tributos, mas pertenderaõ reduzillo a Provincia, e tirar delle os Fidalgos mais illustres, que pouco a pouco hiaõ chamando com fingidos pretextos, para a Corte de Madrid, sem excepção, nem ainda do Sereñissimo Duque de Bragança, em todo o tempo nosso legitimo Rey, até que resolutos quarenta Fidalgos Portuguezes, se resolveraõ a restituir a Patria à sua antigua liberdade, e o Reyno a seu legitimo senhor, em o felicissimo dia do primeiro de Dezembro de 1640. em que armados, foraõ huns a Palacio, e outros aos mais lugares, que destinaraõ, aonde representaraõ huma acção, cujo applauso, não cabendo no mundo, chegou ao Céu, que em publicos prodigios manifestou aos mortais o agrado della. Este he o caso, agora a substancia da acção, que he esta: A restitução de hum Reyno a seu Senhor, usurpaudo de hum Tyranno, executada primeiro no animo, que na acção; de liberada com vagar, determináda com

conselho, executada com pressa: bellos eixos, em que se fegura a felicidade de toda a humana acção, e esta tanto mais heroica, e gloriosa de todas as que no theatro deste mundo se representaraõ com mayor admiracão dos que as viraõ, leraõ, ou ouvi-raõ, quanto mais acreditada com as circunstancias seguintes:

Quem? Quarenta illustrissimos Fidalgos Portuguezes; que acção taõ soberana não cabia, se não em peitos illustrissimos. *Por quem?* Por hum Principe, a quem o direito dava o Reyno, e a tyrania o tinha usurpado.

Que? Esta circumstancia acreditada mais a acção, porque della nasceo a liberdade do Reyno, e o serem restituídos os vassallos a seu Rey natural, ou, para melhor dizer, a seu pay legitimo, que o odio do intruso padrao tinha quasi defuntos.

Donde? Esta augmenta mais a gloria desta generosa acção, porque foi na Corte, Cabeça do Reyno, a que era justo se acudisse primeiro, tanto porque nas enfermidades se deve acudir primeiro às da cabeça, que estando enferma, padecem os mais membros, quanto porque era razaõ que a mayor acção do mundo se representasse na melhor Cidade delle.

Comque? Esta acrescenta mais esta inimitavel acção, porque se usou de conselho, de vagar na deliberação, de pressa, e armas na execução, meyos licitos, e honrosos, q dirigidos a bom fim, fazem toda a acção decorosa.

Porque? Esta sobre todas com excessõ aprecia a gloria desta acção, se cabe em acção taõ extremosamente grande, preço, que a estime, porque

os moveo a razaõ com que pertencia a Coroa a nosso legitimo, e natural Senhor; e a sem razaõ com que o poder dos Filippes lha tinha tirado, e huma generosa vingança das offensas que dos mesmos tinha todo o Reyno recebido.

Como? Este he o mais encarecido encomio, com que se póde exagerar a mais crecida acção, e principalmente esta, que foi executada com tal modo, tal prudencia, e com tal arte, que dentro em hum mez se restituiu o Reyno a quem por direito pertencia, sem que no modo com que se obrou, houvesse excessõ, que obrigasse a tirar das veyas o sangue ao mais humilde vassallo, mais que a trez, hum, que justamente o merecia, dous, que a sua imprudencia podem imputar a sua morte, caso taõ raro, que naõ tem exemplo nem nas Historias Divinas, nem nas humanas, e que com admiraçoens escrevem os naturais, e estrangeiros.

Quando? Esta comprehende, e acaba de encher de admiração todas as outras, porque foi obrada esta excellentissima acção em tempo, em que na Corte de Philippe IV. se estava passando o ultimo decreto, em que se decretava a ultima ruina do Reyno, neste tempo já taõ moribundo, que entre a vida, e a morte naõ mediava mais meyo, que ou morrer Reyno, ou acabar Provincia, a que a inveja, e odio de Hespanha queria tornar hũ Reyno, que Deos tem determinado para seu imperio, e a cujos pés rendiaõ adoraçoens as quatro partes do mundo.

Vamos ao segundo, contraposto ao primeiro, e sem sahir-mos de casa, o topamos taõ fresco, que ainda tem muitas testemunhas de vista. Restituido o Reyno ao serenissimo Senhor D. Joaõ o IV. de saudosa memoria, foi sempre adorado, e infidiado como outro Cesar dos Romanos; e estando na certeza de que o amavaõ como pay

seus vassallos, a quem elle estimava como filhos, teve aviso de que alguns por suggestaõ de Philippe estavaõ conjurados a dar-lhe a morte na Procissãõ do Corpo de Deos, levando para isso armas de fogo com que lhe atirar: este o caso, que aggravavaõ mais as circumstancias seguintes.

Quem? Fidalgos amados, e beneficiados do Serenissimo Rey. *Contra quem?* O Serenissimo Rey, bemfeitor delles, e seu Principe, das quais particularidades huma accrescenta a fezeza da ingratitude, outra volve o homicidio em parricidio.

Que? Esta circumstancia o aggravava mais, porque daquelle homicidio nascia a orphandade do Reyno, e renasciaõ as guerras civis.

Donde? Esta augmenta ao delicto nova malicia, commettendo-o diante dos olhos de Deos, ficando em hum mesmo tempo offendidas ambas as Magestades Divina, e humana.

Com que? Cresce mais o delicto pelos meyo, que queriaõ usar os executores, chamando por ajudadores, e complices de sua traição a outros nobres.

Porque? Esta augmentava mais o delicto, naõ os movendo generosa vingança de alguma offensa, se naõ vilissimo, e brutal instinto de faltar à fé devida ao Senhor, por comprazer a Philippe, inimigo publico, e interessar alguma mercê.

Como? Menos infame fora o delicto se descubertamente houvessem levado a campo as armas contra o Serenissimo Rey, como haviaõ feito outros rebeldes, segundo se lê nas Historias; porém fingirem fé, e amor, os que a vendiaõ, viverem de sua mesa, e infidiarem traidoramente a vida de quem a fiava delles; este he hũ excessõ de perfidia.

Quando? Esta circumstancia enche de horror todas as outras; porque no proprio tempo, que o Serenissimo Rey acompanhava a Deos, e lhe rogava

gava pela felicidade publica, o que-riaõ sacrificar a publica desolação; mal louvado seja Deos, que nos livrou a vida ao nosso Principe, e descobrio a maldade destes desleais vassallos para morrerem como Brutos, a quem imitaraõ na morte com que acabaraõ, e na vida com esta differença, que Bruto commetteo o homicidio na execuçaõ do animo, e da obra, e estes só no animo.

Concluimos, que será prudente o que com conselho deliberar, e considerar com vagar as circumstancias referidas, e ajustando-se com ellas, executar com pressa.

L I Ç A M XXIX.

Da Imprudencia; e da Astucia.

A Excellente virtude da Prudencia se contrapoem estes dous nocivos vicios da Imprudencia, e da Astucia, de q se deve fugir com diligente cuidado. He a Imprudencia hum vicio da razaõ, que causa huma desordem na vida, segundo *Aristoteles. in lib. de virtutib.* que julga mal das cousas, que delibera pèor, e obra ineptamente; a Astucia he hum processo ordenado com fingidos, e simulados meynos para se obrar segundo *Santo Thomaz secund. secund. quest. 55. art. 3.* com a qual se toma conselho acautelado, e agudamente se despreza, e julga o bom, o máo, o util, e o incommodo.

Entre o Imprudente, e o Astuto ha muitas differenças, as quais repetiremos, para que com facilidade se conheçaõ, porque ainda que estes dous vicios pareçaõ irmãos, nem são parentes, nem amigos. He a primeira, que o Astuto tem relaxado a vontade, mas são o entendimento; e o Imprudente póde ter sãa a vontade, mas sempre tem relaxado o entendimento; hum, e outro tem mal regradas as paixoes, mas o Imprudente as

descobre com simplicidade, e o Astuto as pallêa com simulação, como se carecesse de amor, e de ira; quando tem mais borraçoso o animo, mostrar mais quieto o semblante. Hú, e outro he grande vicio, porque se oppoem à mayor das virtudes; porém a imprudencia he mais vergonhosa, e a astucia mais prejudicial. A astucia comparada com a imprudencia, parece prudencia; e a imprudencia comparada com a astucia, parece innocencia. O Astuto, como Tiberio, tem a compleição seca, e melancolica, a vista perspicaz, e o aspecto de zorra velha, como os costumes; o Imprudente como Vitellio tem compleição jovial, e cara grossa.

Segunda, que o Astuto tem muita experiencia, porque ha tratado com muitos velhacos, e ha visto, lido, e observado muito, recolhendo sempre os pèores exemplos, e interpretando sempre as accoes em pèor sentido, pelo qual formando na sua mente principios, e maximas impias, perniciosas, e crueis, os esconde em seu coração, que he huma arca de fraudes, e artificios, da qual elle tem só a chave. O Imprudente nenhuma, o que occasiona huma simplicidade, ou singelêz, que parece virtude aos nescios; mas pelos effeitos se dá a conhecer, porque a astucia sabe fazer mal a todos, e a Imprudencia só a si.

Terceira, o Imprudente falla muito, pensa pouco, descobre a todos seus disignios, de todos se fia, porque julga a todos seus similhantes. O Astuto falla pouco, pensa muito, e de nada se fia, tendo a todos por astutos, e embusteiros, e por isso occulta suas intenções; querendo huma cousa, finge querer a contraria, e já mais se conhece sua vontade, e não pelos effeitos.

Quarta, o Imprudente, ainda que deseja com ancia o objecto, não tem discurso para consultar os meynos, mas julga

Tribulação. Nas tribulaçoens se pró-
vaõ os animos: *P. 3. l. 5. p. 460. pr.*

Tributo he de sua natureza sensível,
mas mostra-se o modo de o fazer
suave: *P. 1. l. 8. p. 33. c. 1.*

O da Capitação he iniquo: *P. 2. l. 1. p.*
178. c. 1. m.

Tributos não se haõ de impôr sem
causa, e sem proporção: *ibi c. 2. f.*;
mas cessando a causa, deve cessar o
tributo: *ibi p. 179. c. 1. f.*

Para o Pincipe os impôr, não precisa
de aceitação, nem consentimento
do povo: *ibi p. 179. c. 1.*

Pharaó os impôs aos Egypcios, Nabu-
co aos Babylonicos, Salomaõ aos
Hebrêos, Pompêo aos Judêa: *dict.*
p. 179. pr.

Os muitos, que se impuseraõ em alguns
Reynos, causaraõ grandes estragos:
P. 2. l. 1. p. 179. c. 2.

Tributos não só se haõ de pôr em o
que serve para as delicias, e não em
o que he necessario para o sustento
da vida, *ibi p. 180. c. 2. m.*; maõ haõ-
se de gastar naquillo, para que se im-
poem, *dict. p. 180. c. 1. pr.*

Tristeza. Depois desta vem a alegria, e
depois da alegria vem a tristeza: *P.*
3. l. 15. p. 467. f.

V

Validos dos Principes, e grandes,
que devaõ observar para não
decahirem? *P. 1. l. 24. p. 133. c. 1. &*
2.

Valor, e façanhas dos Portuguezes na
India: *P. 2. l. 5. p. 206. c. 1. & seqq.*

Velhos, primeiro que censurem os
mossos, devem recordar-se do que
elles faziaõ quando mininos: *P. 3. l.*
5. p. 372. m.

Nuneraõ-se muitos, que chegaraõ a
grande idade: *P. 2. l. 21. p. 308. c.*
2. p. 309. m.

Saõ melhores do que os mossos para
as imprezas: *P. 1. l. 2. p. 5. pr.*; por-

que nelles se acha a prudencia, a ex-
periencia, a sabedoria, a razaõ, a
authoridade, e a virtude: *P. 2. l. 21.*
p. 305. f.; e por isso os que não quize-
rem errar, haõ de tomar os conse-
lhos delles: *ibi p. 306. pr.*

Velho se não diz o leviano, e diz-se o
mosso prudente: *P. 1. l. 2. p. 5. c. 1.*

Descrevem-se alguns, que tendo muita
idade, pela sua muita vigoridade
não sentiaõ o pezo dos annos: *P. 2.*
l. 21. p. 307. f. & p. 308. c. 1.

Vencer cada hum as paixoens pro-
prias, he o mayor argumento da va-
lencia: *P. 3. l. 1. p. 341. f. & 342. pr.*

Não vence com gloria, quem vence
sem perigo: *P. 3. l. 4. p. 369. c. 2. f.*

Veneno nutre a quem com elle se cria,
como succedeo a Mythrídates: *P.*
1. l. 12. p. 53. c. 2. & p. 55. 1. f.

Verdade. Define-se: *P. 2. l. 13. p. 260. c. 1.*
pr.

Quanto mais se opprime, mais se real-
ça: *P. 2. l. 13. p. 261. c. 2.*; mas alter-
cando muito perde-se: *P. 1. l. 22. p.*
119. c. 2. m.

Descrevem-se alguns a quem custou
caro o dizerem a verdade: *P. 2. l. 13.*
p. 264. c. 2. & p. 266. c. 1. pr.

Vicios. He a coula que mais facilmente
se pega: *P. 1. l. 12. p. 58. c. 2.*

Vida, viver. A vida ha de estimar-se,
não como bem eterno, mas momen-
taneo: *P. 1. l. 28. p. 157. c. 2. m.*

Ninguem he senhor da sua vida: *ibi p.*
158. c. 1. m.

Viver muito, não he viver bem: *P. 3. l.*
3. p. 358. m.

Compara-se a vida com a luz de huma
véla: *ibi p. 358. f.*; expoem-se a sua
brevidade: *P. 3. l. 10. p. 410. pr. &*
P. 3. l. 13. p. 447. f.

A Republica de Marselha, tendo gu-
ardado no archivo publico o vene-
no, dava-o para se matar aquelle,
que tinha causa para odiar a vida:
P. 1. l. 28. p. 158. c. 1. f.

O mais diffemos já na palavra *Idade.*
Vingança. Della se ha de fugir sempre:
P. 3.

- P. 3. l. 18. t. à p. 481.*; porque o haver-se vingado pezou a muitos, o haver perdoado, não pezou a ninguém: *ibi p. 487. c. f.*
- Virtudes* são os melhores morgados, que ficam aos filhos: *P. 1. l. 12. p. 54.*
- A mayor de todas he o agradecimento: *P. 1. l. 20. p. 104. c. 2.*; o qual não está nas palavras, está nas obras: *P. 2. l. 11. p. 235. pr.*
- A virtude he premio de si mesma: *P. 3. l. 3. p. 354. c. 1. pr.*
- Unidade* conserva as cousas no mundo, a divisaõ as extingue: *P. 1. l. 6. p. 20. c. 2.*
- Vodas.* Vide *casamentos.*
- Utilidade*, e interesse publico, deve antepôr-se a todo o commodo particular: *P. 1. l. 6. p. 31. c. 1. & 2.*

F I M.



11

1

